

2

Emprego e Renda

• EVOLUÇÃO DO EMPREGO

Segundo os últimos dados divulgados pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, a taxa média de desemprego aberto para as seis principais regiões metropolitanas do país¹ retraiu-se de 7,8% em agosto para 7,65% em setembro, 2 pontos percentuais acima da verificada em setembro de 1997, de 5,6% (Gráfico 2.1). Em termos dessazonalizados, após ter apresentado queda de julho (7,7%) para agosto (7,54%), a taxa de desemprego voltou a se elevar para 7,63% em setembro (Tabela II.1B no Anexo).

Para os próximos meses, a expectativa quanto à taxa de desemprego é de que ela não se reduza tanto quanto é esperado sazonalmente nesta época do ano, em vista da desaceleração esperada da economia e, com isso, a média do ano, que até setembro foi de 7,8%, ainda deve situar-se acima de 7,5%.

O nível de ocupação medido pela PME nas seis regiões metropolitanas mostrou elevação em setembro, com a criação de 92 mil novos postos de trabalho. Os setores responsáveis pela criação de novas ocupações em setembro foram os serviços, com a criação de 110 mil novos postos de trabalho, e a indústria, com mais 18 mil ocupações, enquanto a construção civil e o comércio desempregaram 29 mil e 18 mil trabalhadores, respectivamente.

A região metropolitana que mais contribuiu para a criação dos 92 mil novos postos em setembro foi o Rio de Janeiro, com elevação de 59 mil ocupações, seguido de Belo Horizonte, com 13 mil, de São Paulo, com 10 mil, e de Salvador (9 mil). A única região a apresentar retração na população ocupada em setembro foi Porto Alegre, com menos 6 mil ocupações.

Com o crescimento da população ocupada em setembro, a criação líquida de postos de trabalho no período janeiro/setembro alcançou 131 mil postos, puxada exclusivamente pelo setor de serviços, com criação de 306 mil ocupações no período, porque nos outros setores houve diminuição do emprego. A perda de ocupações no período janeiro/setembro foi mais intensa no comércio, com eliminação de 98 mil ocupações, seguido da indústria, com perda de 79 mil postos e da construção civil, com perda de 26 mil. No mesmo período, a única categoria de

trabalhadores a apresentar retração no emprego foi a dos trabalhadores por conta própria, que perderam 170 mil ocupações. Nas outras categorias houve expansão do emprego, maior na categoria de trabalhadores sem carteira de trabalho, com a criação de 169 mil postos, seguida dos trabalhadores com carteira com 82 mil postos e dos empregadores, com mais 18 mil ocupações.

Considerando-se as regiões metropolitanas, a que mais contribuiu para a elevação do emprego de janeiro a setembro foi São Paulo, com criação de 101 mil ocupações, seguido de Recife, com 71 mil e de Belo Horizonte, com 57 mil. O emprego no Rio de Janeiro, ficou praticamente estável, com somente 5 mil novas ocupações, enquanto Porto Alegre e Salvador eliminaram respectivamente 44 mil e 16 mil empregos no período.

A taxa de desemprego total² calculada pela Fundação Seade para a região metropolitana de São Paulo, retraiu-se de 18,9% em agosto para 18,5% em setembro, 2,2 pontos percentuais acima da registrada em setembro de 1997, de 16,3% (Gráfico 2.2). A taxa de desemprego aberto apresentou o mesmo movimento, com queda de 12% em agosto para 11,7% em setembro, mas ainda 1,2 ponto percentual acima da verificada no mesmo mês do ano passado (10,5%). Ambas as taxas, apesar de terem cedido em relação a agosto, o que é sazonalmente esperado, ainda se mantêm bastante acima do nível do ano passado, e agora, com o novo aumento de juros e expectativa de retração da atividade econômica, elas podem se elevar ainda mais a partir de janeiro, pois até dezembro a tendência é de queda, devido à sazonalidade favorável.

GRÁFICO 2.1
TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO
SÉRIE ORIGINAL

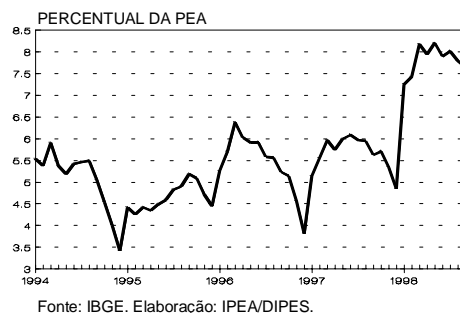
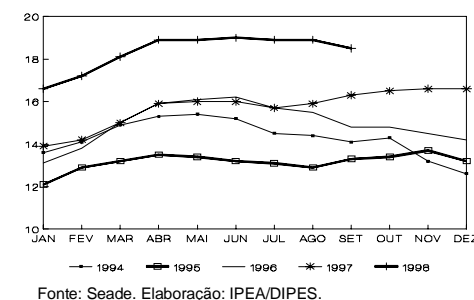
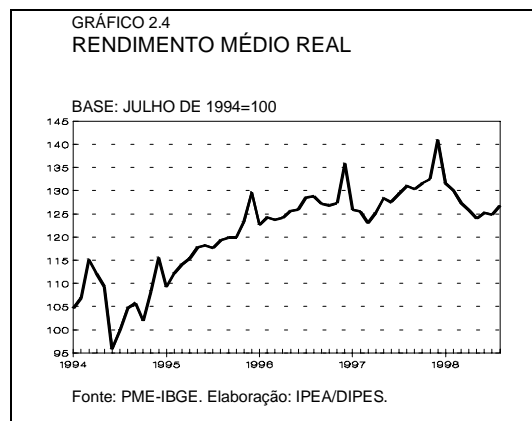
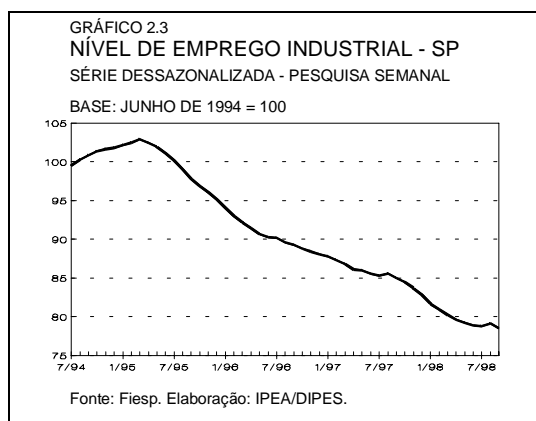


GRÁFICO 2.2
TAXA DE DESEMPREGO TOTAL - SP



1 As regiões metropolitanas são Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

2 A Fundação Seade trabalha com duas taxas de desemprego: total e aberto. Define-se como desemprego aberto "as pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhuma atividade nos últimos sete dias". Já a taxa de desemprego total engloba o desemprego aberto e o oculto, este último definido como "as pessoas que realizaram de forma irregular algum trabalho remunerado ou pessoas que realizaram trabalho não-remunerado em ajuda a negócios de parentes e que procuraram trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista ou que, não tendo procurado nesse período, o fizeram até 12 meses atrás (desemprego oculto pelo trabalho precário)" e "as pessoas que não possuem trabalho e nem procuraram nos últimos 30 dias, por desestímulo do mercado de trabalho ou por circunstâncias fortuitas, mas apresentaram procura efetiva de trabalho nos últimos 12 meses (desemprego oculto pelo desalento e outros)".



Em termos dessazonalizados, após se elevarem desde maio, ambas as taxas de desemprego, total e aberto, apresentaram pequena retração em setembro. A taxa de desemprego total retraiu-se de 18,8% em agosto para 18,7% em setembro e o desemprego aberto de 12% em agosto para 11,8% em setembro.

A queda da taxa de desemprego na região metropolitana de São Paulo em setembro resultou de uma retração de 0,1% na PEA e expansão de 0,4% na ocupação, equivalente à criação de 29 mil novos postos de trabalho. O setor de atividade responsável pela maior parte do crescimento da ocupação foi o classificado como "outros", que inclui construção civil e serviços domésticos, com elevação de

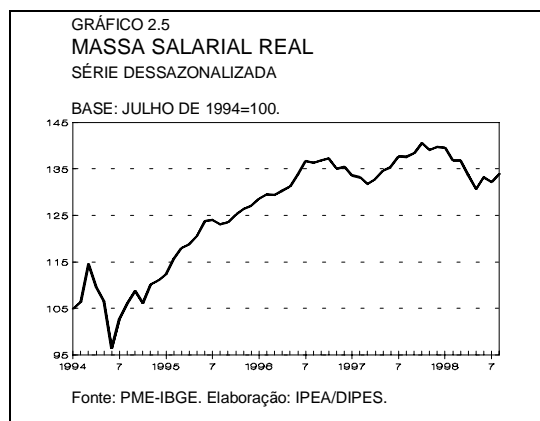
32 mil novos postos de trabalho, enquanto a indústria de transformação foi responsável pela criação de 6 mil novos empregos. O setor de serviços apresentou estabilidade no emprego em setembro, com 1 mil novos postos, após trajetória de crescimento desde maio, enquanto o comércio fechou 10 mil postos de trabalho.

Segundo a Fiesp, o nível de emprego industrial de São Paulo voltou a cair 0,48% em setembro, com a dispensa de mais de 8 mil trabalhadores, semelhante ao que ocorreu em setembro do ano passado. Com o resultado de setembro, a retração acumulada este ano alcança 5,5%, contra 3,7% no mesmo período de 1997. Em termos absolutos, até setembro a indústria paulista dispensou

TABELA 2.1
INDICADORES DE EMPREGO E RENDIMENTO

PERÍODO	RENDIMENTO MÉDIO REAL DAS PESSOAS OCUPADAS	MASSA SALARIAL REAL DAS PESSOAS OCUPADAS	CRIAÇÃO LÍQUIDA DE POSTOS DE TRABALHO (EM MIL PESSOAS)	
	RESULTADO ACUMULADO NO ANO		EM RELAÇÃO A IGUAL MÊS DO ANO ANTERIOR	NO ANO ^a
JAN. 97	2,63%	3,70%	200	-275
FEV.	1,82%	3,18%	248	-353
MAR.	1,01%	2,36%	217	-257
ABR.	0,99%	2,18%	142	-199
MAI.	1,23%	2,25%	88	-140
JUN.	1,23%	2,09%	14	-216
JUL.	1,14%	1,96%	94	-161
AGO.	1,23%	1,84%	-114	-159
SET.	1,37%	1,78%	-186	-15
OUT.	1,61%	1,88%	-168	34
NOV.	1,84%	1,98%	-180	12
DEZ.	2,01%	2,11%	-93	-93
JAN. 98	4,55%	4,48%	-11	-193
FEV.	4,09%	3,49%	-176	-435
MAR.	3,91%	3,54%	13	-151
ABR.	3,02%	2,78%	-5	-112
MAI.	1,71%	1,57%	18	-29
JUN.	1,13%	1,06%	7	-80
JUL.	0,46%	0,33%	-109	-138
AGO.	-0,03%	-0,06%	63	39
SET.			53	131

Fonte: IBGE-PME. ^a População ocupada no mês de referência menos população ocupada em dezembro do ano anterior.



mais de 93 mil trabalhadores, contingente bem maior do que o de 1997, de 68 mil pessoas. Essa diferença é explicada pela forte retração no emprego nos primeiros meses de 1998, bem acima do que ocorrera em 1997 (já que desde abril a queda no emprego vem perdendo intensidade), e agora com o novo aumento da retração do emprego em setembro, quando o nível de emprego volta a cair com mais intensidade, como mostra o Gráfico 2.3.

• EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS

O rendimento médio real calculado pela PME para o total de pessoas ocupadas em agosto mostrou mais uma vez retração em relação ao mesmo período do ano passado (-3,3%), movimento que vem se observando desde maio (Gráfico 2.4). No entanto, a série dessazonalizada mostra queda dos rendimentos médios já a partir de janeiro deste ano, com exceções somente em junho e agosto, resultando em uma retração acumulada no período janeiro/agosto de 4,7%.

A categoria de trabalhadores que mais influenciou a queda de rendimentos em agosto, em relação ao mesmo período do ano passado, foi a de trabalhadores por conta própria, com retração de 9,9%. Os empregados com carteira assinada também sofreram perda de rendimentos, só que mais suave (-3,8%), enquanto os trabalhadores sem carteira ainda tiveram rendimentos maiores que os de agosto do ano passado em 1,8%, e os empregadores em 3,1%. Com referência aos setores de atividades, todos apresentaram perda de rendimentos em relação a agosto de 1997, sendo que o setor mais afetado foi o do comércio (-8,1%), seguido da construção civil (-3,8%) e dos serviços (-2,8%) e finalmente, da indústria de transformação (-0,64%).

Segundo a Fiesp, os salários na indústria paulista em agosto mostraram crescimento de 1,6% em relação a agosto de 1997 e nos oito primeiros meses do ano o crescimento acumulado em relação ao mesmo período de 1997 é de 2,2%. Mesmo com a elevação dos salários, a massa salarial calculada para o pessoal ocupado na indústria paulista vem apresentando queda quando comparada ao mesmo período de 1997, por conta da retração do pessoal ocupado. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, a massa se retraiu 3,2% em agosto, e na média do ano até agosto a retração foi de 2,9%.

A massa salarial real, calculada com base nas informações da PME, mostrou retração de 2,7% em agosto em comparação ao mesmo mês do ano passado. Da mesma forma que para os rendimentos, a massa salarial real, descontados os fatores sazonais, vem apresentando queda desde janeiro deste ano (Gráfico 2.5), à exceção dos meses de junho, em que cresceu 2%, e de agosto, com crescimento de 1,3%. O resultado acumulado até agosto é de uma retração de 4,2%.